



Feminismo é para todo mundo por bell hooks

Capítulo 1 | Política Feminista – Onde nós nos posicionamos¹

Simplificando, o feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão. Esta foi uma definição de feminismo que ofereci em *Feminist Theory: From Margin to Center* há mais de 10 anos. Era minha esperança naquele momento que se tornaria uma definição comum que todos usariam. Gostei da definição porque não implicava que os homens fossem inimigos. Ao nomear o sexismo como o problema, foi diretamente ao coração da questão. Praticamente, é uma definição que implica que todo pensamento e ação sexista é o problema, seja aqueles que o perpetuam mulheres ou homens, crianças ou adultos. Também é suficientemente ampla para incluir uma compreensão do sexismo institucionalizado sistêmico. Como uma definição, ela é aberta. Para entender feminismo, implica-se que é necessário compreender o sexismo.

Como todas as defensoras da política feminista sabem, a maioria das pessoas não entende o sexismo ou se o entendem, pensam que não é um problema. Massas de pessoas pensam que o feminismo é sempre e apenas sobre mulheres que procuram ser iguais aos homens. E uma grande maioria dessas pessoas pensam que o feminismo é anti-homem. O mal entendido dessas pessoas; sobre a política feminista reflete a realidade que a maioria das pessoas conhece sobre o feminismo por meios de comunicação patriarcais. O Feminismo que eles escutam mais sobre é apresentado por mulheres que são *a priori* comprometidas com a igualdade de gêneros – pagamento igual por trabalho igual^[1], e às vezes mulheres e homens compartilhando tarefas domésticas e parentescos. Eles veem que essas mulheres são geralmente brancas e materialmente privilegiadas. Eles sabem, a partir dos meios de comunicação de massa, que a libertação das mulheres se concentra na liberdade de terem abortos, serem lésbicas, desafiar estupros e violência doméstica. Entre essas questões, massas de pessoas concordam com a ideia de equidade de gênero no local de trabalho – pagamento igual por trabalho igual.

Uma vez que nossa sociedade continua a ser principalmente uma cultura “cristã”, massas de pessoas continuam a acreditar que Deus ordenou que as mulheres sejam subordinadas aos homens dentro de casa. Embora as massas de mulheres tenham entrado na força de trabalho, mesmo que muitas famílias sejam encabeçadas por mulheres que são o único patrocinador de família, a visão da vida doméstica que continua a dominar a imaginação da nação é aquela na qual a lógica da dominação masculina está intacta, seja homens estando presentes em casa ou não. A noção equivocada de

¹ Tradução realizada por Carol Correia e disponibilizada no [perfil Medium da tradutora](#).



movimento feminista que implicava que era anti-homem levava consigo a suposição equivocada de que todo espaço feminino seria necessariamente um ambiente onde o patriarcado e o pensamento sexista estariam ausentes. Muitas mulheres, mesmo as envolvidas na política feminista, optaram por acreditar nisso também.

Havia, de fato, um grande sentimento anti-homem entre as primeiras ativistas feministas que estavam respondendo à dominação masculina com raiva. Foi essa raiva da injustiça que foi o ímpeto para a criação de um movimento de libertação das mulheres. No começo da maioria das ativistas feministas (uma maioria branca), sua consciência aumentou sobre a natureza da dominação masculina quando trabalhavam em contextos anti-classistas e antirracistas com homens que diziam ao mundo a importância da liberdade enquanto subordinavam as mulheres em suas classes. Sejam mulheres brancas que trabalhavam em nome do socialismo, mulheres negras trabalhando em prol dos direitos civis e da libertação negra ou mulheres nativas-americanas trabalhando para os direitos indígenas, era evidente que os homens queriam liderar e queriam que as mulheres o seguissem. Participar nessas lutas de liberdade radical despertou o espírito de rebelião e resistência em mulheres progressistas e levou-as à libertação das mulheres contemporâneas.

À medida que o feminismo contemporâneo progredia, como as mulheres perceberam que os homens não eram o único grupo em nossa sociedade que apoiavam o pensamento e o comportamento sexista – que as mulheres também poderiam ser sexistas – o sentimento anti-homem já não moldava a consciência do movimento. O foco mudou para um esforço total para criar justiça de gênero. Mas as mulheres não poderiam se unir para promover o feminismo sem confrontar o nosso pensamento sexista. A irmandade não poderia ser poderosa desde que as mulheres estivessem competitivamente em guerra umas com as outras. As visões utópicas da irmandade, baseadas exclusivamente na consciência da realidade de que todas as mulheres foram de alguma forma vítimas da dominação masculina, foram interrompidas por discussões de classe e raça. As discussões das diferenças de classe ocorreram no início do feminismo contemporâneo, antes das discussões de raça. Diana Press publicou informações revolucionárias sobre divisões de classe entre as mulheres já em meados dos anos 1970 em sua coleção de ensaios de *Class and Feminism*. Essas discussões não banalizaram a insistência feminista de que “a irmandade é poderosa”, elas simplesmente enfatizaram que só poderíamos nos tornar irmãs na luta confrontando as formas pelas quais as mulheres – através do sexo, classe e raça – dominavam e exploravam outras mulheres e criaram uma política plataforma que abordaria essas diferenças.

Embora as mulheres negras estivessem ativas no movimento feminista contemporâneo desde a sua criação, não eram os indivíduos que se tornaram as “estrelas” do movimento, que atraíram a atenção



dos meios de comunicação de massa. Muitas vezes as mulheres negras que atuam no movimento feminista eram feministas revolucionárias (como muitas lésbicas brancas). Elas já estavam em desacordo com as feministas reformistas que decididamente queriam projetar uma visão do movimento como sendo exclusivamente sobre mulheres ganhando igualdade com os homens no sistema existente. Mesmo antes da raça se tornar uma questão falada sobre os círculos feministas, era evidente para as mulheres negras (e para suas aliadas revolucionárias na luta) que nunca teriam igualdade dentro do patriarcado capitalista da supremacia branca existente.

Desde o início, o movimento feminista foi polarizado. As pensadoras reformistas optaram por enfatizar a igualdade de gênero. As pensadoras revolucionárias não queriam simplesmente alterar o sistema existente para que as mulheres tivessem mais direitos. Queríamos transformar esse sistema, para pôr fim ao patriarcado e ao sexismo. Uma vez que a mídia de massa patriarcal não estava interessada na visão mais revolucionária, nunca recebeu atenção da imprensa *mainstream*. A visão de “libertação das mulheres”, que capturou e ainda mantém a imaginação pública, era a que representava as mulheres como querendo o que os homens tinham. E essa foi a visão mais fácil de compreender. As mudanças na economia da nossa nação, a depressão econômica, a perda de empregos, etc., tornaram o clima ameno para os cidadãos da nossa nação aceitar a noção de igualdade de gênero na força de trabalho.

Dada a realidade do racismo, fazia sentido que os homens brancos estivessem mais dispostos a considerar os direitos das mulheres quando a concessão desses direitos pudesse servir os interesses de manter a supremacia branca. Nunca podemos esquecer que as mulheres brancas começaram a afirmar sua necessidade de liberdade após os direitos civis, apenas no ponto em que a discriminação racial estava se finalizando e as pessoas negras, especialmente os homens negros, poderiam ter alcançado igualdade na força de trabalho com homens brancos. O pensamento feminista reformista centrado principalmente na igualdade com os homens na força de trabalho ofuscou os fundamentos radicais originais do feminismo contemporâneo, que exigiam reformas, bem como a reestruturação geral da sociedade, de modo que nossa nação fosse fundamentalmente antissexista.

A maioria das mulheres, especialmente as mulheres brancas privilegiadas, deixou de considerar visões feministas revolucionárias, uma vez que começaram a ganhar o poder econômico dentro da estrutura social existente. Ironicamente, o pensamento feminista revolucionário foi mais aceito e abraçado nos círculos acadêmicos. Nesses círculos, a produção da teoria feminista revolucionária progrediu, mas na maioria das vezes essa teoria não foi disponibilizada ao público. Tornou-se e continua a ser um discurso privilegiado disponível para aqueles entre nós que são altamente



alfabetizados, desenvolvidos e geralmente privilegiados materialmente. Funciona como *Feminist Theory: From Margin to Center* que oferece uma visão liberatória da transformação feminista que nunca recebem atenção popular. Massas de pessoas não ouviram falar deste livro. Eles não rejeitaram sua mensagem; eles não sabem qual é a mensagem.

Embora fosse do interesse do patriarcado capitalista da supremacia branca dominante suprimir o pensamento feminista visionário que não era anti-homem ou preocupado em conseguir que as mulheres tivessem o direito de ser como homens, as feministas reformistas também estavam ansiosas para silenciar essas forças. O feminismo reformista tornou-se seu caminho para a mobilidade das classes. Elas poderiam se libertar da dominação masculina na força de trabalho e ser mais autodeterminadas em seus estilos de vida. Embora o sexismo não tenha terminado, elas poderiam maximizar sua liberdade dentro do sistema existente. E elas podiam contar com uma classe baixa de mulheres subordinadas exploradas para fazer o trabalho sujo que elas estavam se recusando a fazer. Ao aceitar e, de fato, conspirar com a subordinação das mulheres da classe trabalhadora e pobres, elas não só se aliam com o patriarcado existente e seu sexismo concomitante, elas se dão o direito de liderar uma vida dupla, onde são iguais aos homens a força de trabalho e em casa quando elas desejam o ser. Se elas escolhem a lesbianidade, elas têm o privilégio de serem iguais aos homens na força de trabalho enquanto usam o poder da classe para criar estilos de vida domésticos onde podem escolher ter pouco ou nenhum contato com homens.

O feminismo como estilo de vida inaugurou a noção de que poderia haver tantas versões do feminismo quanto de mulheres. De repente, a política estava sendo lentamente removida do feminismo. E a suposição previu que, não importa a política de uma mulher, seja ela conservadora ou liberal, ela também poderia encaixar o feminismo em seu estilo de vida. Obviamente, essa maneira de pensar tornou o feminismo mais aceitável porque a suposição subjacente é que as mulheres podem ser feministas sem desafiar fundamentalmente e sem mudar a si mesmas ou a cultura. Por exemplo, vamos usar a questão do aborto. Se o feminismo é um movimento para acabar com a opressão sexista e privar as mulheres dos direitos reprodutivos é uma forma de opressão sexista, então não se pode ser anti-escolha (ou “pró-vida”) e ser feminista. Uma mulher pode insistir que ela nunca escolheria ter um aborto enquanto afirma seu apoio ao direito das mulheres de escolher e ainda ser uma defensora da política feminista. Ela não pode ser anti-aborto e defensora do feminismo. Ao mesmo tempo, não pode haver algo como “poder feminista” se a visão do poder evocado for o poder adquirido através da exploração e da opressão de outras.

A política feminista está perdendo impulso porque o movimento feminista perdeu definições claras. Nós temos essas definições. Vamos reclamá-los. Vamos compartilhá-los. Vamos começar de novo.



Vamos ter *t-shirts* e adesivos e cartões postais e anúncios e música hip-hop, televisão e rádio, anúncios em todos os lugares e outdoors e todo tipo de material impresso que diz ao mundo sobre o feminismo. Podemos compartilhar a mensagem simples e poderosa de que o feminismo é um movimento para acabar com a opressão sexista. Vamos começar por lá. Deixe o movimento começar de novo.

[1] NOTA DA TRADUÇÃO: A expressão traduzida muito provavelmente é bem conhecida: “*equal pay for equal work*”. Infelizmente, em português não há a mesma musicalidade que há em inglês.